

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JORGE DE AZEVEDO CASTRO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – O campus da Fundação Oswaldo Cruz: construções, registros, intervenções

Entrevistado – Jorge de Azevedo Castro (JC)

Entrevistadores – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Renato da Gama-Rosa Costa (RG)

Data – 09/07/2010

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h10min

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia

Responsável pela conferência de fidelidade – Matheus da Silva Dantas

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CASTRO, Jorge de Azevedo. *Jorge de Azevedo Castro. Entrevista de história oral concedida ao projeto O campus da Fundação Oswaldo Cruz: construções, registros, intervenções*, 2010. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 51p.

Sumário

0 min a 6 min e 15 seg

Identificação do local, da data e da entrevista, breve comentário sobre a formação escolar e acadêmica, e a composição familiar.

6 min e 15 seg a 10 min e 24 seg

Descrição de obras arquitetônicas do subúrbio e opinião sobre intervenções em tais obras. Descrição da vida estudantil no Colégio Pedro II e a opção pela UFRJ.

10 min e 24 seg a 17 min e 04 seg

Fatores que levaram a optar por arquitetura, a experiência da graduação na UFRJ, os contatos estabelecidos e experiências profissionais obtidas ao longo do curso de graduação.

17 min e 04 seg a 20 min

Trabalhos com o INCQS.

20 min a 25 min e 32 seg

Envolvimento com a vida acadêmica, relação com a Universidade Gama Filho, a visão da profissão de professor e suas experiências no exercício desta.

25 min e 32 seg a 31 min e 11 seg

Ingresso na UFF e o seu mestrado.

31 min e 11 seg a 40 min e 43 seg

Ingresso em curso na França, a opção pelo doutorado e comentários sobre obras de Niemeyer.

40 min e 43 seg a 55 min e 09 seg

Trabalho na ICOPLAN, relacionamento com Sérgio Arouca, execução de trabalho na Fiocruz, projetos arquitetônicos relacionados ao Governo Estadual, estudos e trabalho em manutenção.

55 min e 09 seg a 1 h 1 min e 23 seg

Arquitetura e avaliação pós-ocupação e o projeto nessa área desenvolvido na Casa de Rui Barbosa.

1 h 1 min e 23 seg a 1 h e 9 min

Mudanças na arquitetura, resultantes da tecnologia e seu perfil profissional.

1 h e 9 min a 1 h 19 min e 45 seg

Opinião sobre mudanças arquitetônicas nos últimos 25 anos.

1 h 19 min e 45 seg a 1 h 30 min e 13 seg

Lembranças da época em que trabalhava na Dirac, na época da chegada de novos arquitetos no campus, para a Casa de Oswaldo Cruz; e o convite para ser diretor.

1 h 30 min e 13 seg a 1 h 40 min e 11 seg

Atual papel na Dirac, desenvolvimento do projeto do “primeirão”, união entre arquitetura e saúde, curso de especialização em gestão da infraestrutura e saúde.

1 h 40 min e 11 seg a 1 h 44 min e 27 seg

Problemas em projetos arquitetônicos pela falta de conhecimento sobre saúde, projeto Cidade Saudável.

1 h 44 min e 27 seg a 1 h 51 min e 45 seg

Experiência como professor na UFRJ e seu papel no meio acadêmico.

1 h 51 min 45 seg a 2 h 4 min e 18 seg

Opinião sobre a visão de diferentes profissionais dentro da Fiocruz, sua atuação na UFF, a NIT e o trabalho em inovação tecnológica na ENSP.

2 h 4 min e 18 seg a 2 h 7 min e 27 seg

Participação em congressos, eventos e encontros na área de arquitetura, saída da Dirac.

2 h 7 min e 27 seg a 2 h 9 min e 54 seg

Conversas sobre o projeto ao qual a entrevista pertence, agradecimentos finais.

Data: 09/07/2010

Fita 1

LM: Bom, nós estamos aqui, eu Laurinda Maciel, e Renato Gama Rosa com o arquiteto Jorge de Azevedo Castro, hoje é dia 09/07/2010. Estamos aqui na ENSP. E a gente está fazendo essa entrevista com ele, não é Renato, por conta do nosso projeto das plantas arquitetônicas do Campus aqui de Manguinhos.

E a gente queria Jorge recuperar essas histórias que você já estava contando para gente assim, não é? Mas queria um pouquinho também da sua trajetória: Onde você nasceu; quando é que foi, os seus pais, os seus irmãos, algumas lembranças de infância, os primeiros estudos, até a gente chegar na arquitetura, porque você foi se interessar por arquitetura.

JC: Tudo isso? (rindo)

LM: É. (risos) Pode resumir, pode resumir... (risos de todos)

RG: (rindo) Você só não esperava por isso.

JC: (Risos) É. Eu só não esperava.

LM: (rindo) Você não esperava. Então...

JC: (inaudível aos 59seg – motivo baixo e rindo)

LM: É... Mas a gente não consegue ver o cidadão assim só...

RG: É.

JC: Ele é uma soma, não é?

JC: (rindo) É verdade.

LM: Exatamente. Ele é uma soma da sua vida, da sua trajetória, a gente não é arquiteto ou historiador à toa, não é?

JC: É.

LM: Então é um pouco isso que a gente queria explorar com você.

JC: Uma vez eu... Eu já pensei fazer história uma vez.

LM: Ah é?! Que bom!

JC: Já. Quase que eu fazia história, mas me decidi por fazer arquitetura, até porque tinha uma relação muito próxima assim com desenho, com habilidades em torno de obra, carpintaria também que era uma coisa que meu pai fazia. E, enfim, a gente resolveu fazer arquitetura.

Mas eu nasci aqui no Rio mesmo, me criei no subúrbio do Rio, no subúrbio da Central do Rio de Janeiro. Era próximo...

LM: Você nasceu quando?

JC: Ah, tenho que dizer?! (risos de todos, motivo pelo qual vai passar por uns seguindo difíceis de entender todas as palavras e dar sentido a elas)

JC: Nasci em 9 de março. (rindo)

LM: De algum ano qualquer aí. (risos)

JC: Nasci em 9/03/53.

LM: Certo.

JC: Aí nasci em Laranjeiras e vim morar no Rio de Janeiro, na Zona norte do Rio de Janeiro, região do Méier, Engenho de Dentro, Méier. Foi ali que passei a infância, juventude, e estudei no Colégio Pedro II.

LM: Ali no Engenho Novo. Hum, hum.

JC: É. Depois fui estudar no centro da cidade e depois na UFRJ lá no Fundão. Eu me formei junto com...

RG: Você entrou que ano?

JC: Na turma em 1970.

LM: 70 ou 71? Você terminou em 75, não é?

JC: 75. É (rindo) Esse currículo eu não dei.

LM: É. Eu achei o Lates, aí já era, Jorge! (risos) Qual o nome dos seus pais, Jorge?

JC: Minha mãe chama Zilá de Azevedo de Castro, meu pai Amâncio Moreira de Castro. Meu pai era mineiro do interior de Minas Gerais, norte de Minas Gerais. E a minha mãe não, a minha mãe era carioca, e carioca filha de... Neta de Irlandeses, que é uma história muito interessante porque os Irlandeses eles passaram uma grande fome em 1860, por aí... Nessa década meio do século XIX houve uma grande fome na Irlanda e muita gente saiu para os Estados Unidos, para outras partes do mundo, e um grupo grande, expressivo veio para Bahia, (risos) para Salvador. Meu avô chegou em Salvador, meus avós chegaram em Salvador, avós dela, meus bisavós, chegaram em Salvador, depois vieram para o Rio...

LM: Vieram descendo.

JC: Não, vieram imediatamente para o Rio.

LM: Vieram direto.

JC: E tem uma parte da família ainda, ou do mesmo sobrenome que continua lá em Salvador. Tem até um deputado com o sobrenome original, não é?

Aí isso ficou no folclore da família porque o outro lado era português mesmo, não é? Também chegou no Rio de Janeiro. E o pessoal da Bahia, o pessoal de Minas na verdade também, a terceira geração de Minas era lá do interior da Bahia, então na verdade os dois lados são baianos, um pelo interior, outro pelo litoral, e chegaram a se encontrar aqui, mas é engraçado, é interessante, que esta é a história de boa parte do povo brasileiro, não é? Muitos imigrantes...

LM: É.

JC: De muitas descendências.

LM: Muita mistura, não é?

JC: Muitos cruzamentos... A gente não tem nada a ver (risos) Não tem nada de...

LM: É um pouquinho de cada coisa. É um pouquinho de cada.

JC: Um pouquinho de cada. Se você procurar um pouco mais, você tiver um embasamento um pouco maior.

LM: E você teve irmãos?

JC: Eu tenho uma irmã.

LM: Uma irmã.

JC: Uma irmã.

LM: Ham, ham. Mais velha ou mais nova que você.

JC: Minha irmã é um pouco mais velha do que eu, um pouco mais velha, dois anos mais velha do que eu, ela é matemática em estatística. Agora ela já está aposentada. Ela trabalhou sempre no...

LM: No IBGE, não?

JC: No BNDES e agora ela já está aposentada. Bom... (muito ruído externo)

LM: E como é que foi ser criado aqui no subúrbio, foi muito bom?

JC: Foi muito bom. Era uma época que você ainda tinha acesso à rua, não é?

JC: Quer dizer, que fazia parte da sua vida cotidiana ir à rua.

6 min 15 seg

LM: Era uma vida muito diferente, não é? Do que tem hoje.

JC: Muito diferente. E sempre tinha... E é interessante que apesar disso você já tinha algumas referências no próprio subúrbio de coisas que permaneceram, não é? Como... Aí são referências geográficas, mas como o Jardim do Méier que era uma referência do Rio. Algumas áreas na Piedade... A estrada das oficinas, a Estrada de Ferro que hoje em cujo terreno foi construído o Estádio agora, o Engenhão, não é? Que parece que v aí ser inclusive... Outro dia eu li uma notícia sobre a ampliação dos...

RG: Dos acessos.

JC: Dos acessos, que eu achei meio uma barbaridade, uma coisa meio discutível, porque aquilo mal ou bem algumas áreas ali, ainda preservavam do conjunto, ainda tem um conjunto arquitetônico, bem antigo, vão derrubar aquilo como se fosse nada.

LM: Nossa!

JC: Naquela velha idéia que é um pouco a perspectiva que o modernismo trouxe, não é? Da arquitetura brasileira onde se valorizava a arquitetura colonial, mas a entre safra entre o modernismo e o colonial era tratado como uma coisa...

RG: Secundária...

JC: Secundária e essa pode se demolir a vontade, não é? Acontece que vão fazer obras de demolição para melhorar acesso do estacionamento, basicamente no estádio lá.

LM: E aí como é que foi o período que você estudou no Pedro II? Você quanto tempo no Engenho Novo, depois no período do estudo básico...

JC: Eu fiquei todo o ginásio e depois eu desci para Marechal Floriano.

LM: Que era equivalente ao nosso hoje ensino médio, não é? Segundo grau, secundário.

JC: É.

LM: E no colégio você...

JC: O Pedro II era muito interessante.

LM: É? Como que era?

JC: Muito interessante. Colégio público com P maiúsculo onde você tinha colegas de diferentes classes sociais... (falam juntos)

LM: Isso que eu acho interessante lá.

JC: Tinha... Tenho ainda amigos da época... Da época eu tenho uns 10 amigos... Da minha época um grande amigo, que até hoje é um grande amigo, que o pai dele era, por exemplo, era motorista da Esso, dos caminhões tanques da Esso. E eu morava na Penha então com isso a gente também conhecia mais o subúrbio...

LM: Isso.

JC: Tinha muita gente...

LM: Que vinha.

JC: Muita gente vinha de mais distante ainda, não é? E essa foi uma época interessante onde a gente era criado realmente quase que independente da zona sul da cidade. O Rio de Janeiro se revelava assim muito dividido. Lógico que ainda o é, uma característica.

E depois disso eu fui para a UFRJ. E a UFRJ era também próxima porque eu traçava uma reta via... Nesse eixo aqui que nós estávamos mesmo, via Suburbana – Ramos – Fundão. Assim, era uma reta direta. E depois comecei a trabalhar... Aí sim comecei a trabalhar fora. Trabalhei em algumas... Em muitos lugares, estagiei desde cedo. Enfim, foi essa a trajetória.

10 min 24 seg

LM: E como é que a arquitetura chegou na sua vida assim, foi algum, você gostava de matemática, de desenho?

JC: Não, o meu pai desenhava, não é? Ele gostava de desenhar, apesar dele ser...

LM: Qual era a profissão dele?

JC: ...Contador, e depois advogado. Ele sempre desenhou muito, e sempre também trabalhou muito com madeira, não é?

LM: Certo.

JC: Isso... E meu avô fazia, construía, não é? Apesar de ser farmacêutico ele construía, fazia lá as suas obras.

RG: Que maravilha! (risos)

JC: Então isso tudo deu uma... A primeira maquete que eu vi foi na minha casa.

LM: Olha só!

JC: O meu avô resolveu levantar o segundo piso da casa dele para abrigar a tia mais nova que ia se casar...

RG: (risos)

LM: Fez um puxadinho. (rindo)

JC: Fez um puxadinho vertical. (rindo)

LM: Vertical! (risos) É.

JC: Mas ele fez uma maquete. (falam juntos)

LM: Ah, que legal!

JC: Isso tudo são lembranças que ficam. Não é?

LM: É verdade.

JC: E a gente vai vivenciando e um dia resolve por uma profissão.

LM: E quando você entrou para a UFRJ assim, como que foi o curso, como que foi estar numa universidade, como que foi o convívio com os colegas, com os professores, tinha algum... Você tinha um grupo, tinha matéria que você tinha mais dificuldade, ou mais facilidade, como é que foi assim esse início?

JC: Ah! No início eu acho que a escola de arquitetura ela se propõe a fazer uma coisa muito, talvez muito voltada para o exterior, não é? A gente tinha aulas de desenho de observação... Não sei você chegou a ter isso fora das turmas de... Várias, várias possibilidades de trabalho em atelier. Enfim tínhamos professores, que eram profissionais da área, que traziam desse mundo profissional também. Posso dizer que tinha uma coisa assim pouco acadêmica. Profissionais que como o Luis Falcone, por exemplo, foi meu professor... Foi seu professor também?

RG: Não, não.

LM: Ah tá!

JC: Depois foi prefeito do Rio, foi meu professor, foi paraninfo da minha turma na formatura... Foi paraninfo da minha turma, com quem eu estagiei durante um tempo e quem conseguiu, quem me indicou para o meu primeiro emprego como profissional numa empresa de um amigo dele, uma empresa construtora, que acabou que foi através desse vínculo que um pouco mais tarde eu acabei vindo trabalhar nesse projeto no INCQS, Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde.

LM: Certo.

JC: E com isso me aproximando da Fiocruz antes do Arouca. E aí depois quando o Arouca entrou, eu tinha outro conhecimento com ele através de um cunhado que era da área médica, não é? E um dia eu vim conversar com o Arouca sobre o projeto, o que estava acontecendo, que eu gostaria de trabalhar, dar continuidade ao trabalho aqui na Fiocruz e ele me chamou para vir para montar o escritório de obras, uma coisa que funcionava como praticamente assim um barracão de obras, uma coisa bem rudimentar...

LM: Sei. Bem rústica ainda.

JC: Bem rústica.

LM: Mas então você começou a fazer estágio na área antes de terminar a graduação. Não é?

JC: Bem antes.

LM: Ah tá! E você estagiou aonde, Jorge, você lembra?

JC: Eu estagiei primeiro...

LM: Em escritório...

JC: Eu estagiei no governo... (falam juntos)

LM: Em instituições...

JC: Também em instituições. Como a FUNDREM, a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana, em escritórios privados. E essa opção pela área de saúde não foi uma coisa premeditada, estruturada.

LM: Sim aconteceu.

JC: Foi acontecendo.

LM: Foi acontecendo.

RG: Mas esse estágio que você falou que foi indicado através do Conde qual era o escritório?

JC: Era uma empresa chamada SARTE.

RG: SART...

JC: SARTE, que era uma coisa (rindo) fofinha, que era a abreviatura de: Sete Amigos Reunidos para Trabalhar em Engenharia. (rindo)

LM: (risos) Ah!

RG: Essa está boa! (rindo) Muito criativo.

LM: SARTE, Sete Amigos Reunidos... (falam juntos) Gente, muito bom! E eu pensei, será que tem alguma coisa com Daltre, com Sartre?! Não, não. (Todos ficam rindo enquanto falam) Quando ele falou uma coisa fofinha eu falei: "Ué, o que vem por aí?! (risos) Muito bom Jorge!

RG: Legal!

LM: (rindo) Muito bom!

JC: A gente era muito criativo. Não é?

LM: É verdade.

JC: Os amigos que... Quando cheguei lá já não era mais sete, já tinha dois ou três. (risos de todos)

LM: Os amigos foram mudando.

JC: (rindo muito) O resto já tinha ido embora.

LM: Mudando a Letra, não é?

LM: É... (rindo) Quarte.

JC: Darte.

LM: Darte. Não é? ((rindo todos))

JC: Dois Amigos...

LM: É. Reunidos para Trabalhar...

JC: Se fosse ficar mudando a razão social...

LM: (risos) Deixa os 7, não é? Muito bom! Muito bom! (risos) E você ficou lá quanto tempo?

JC: Ah! Eu fiquei acho que uns 3 ou 4 anos.

LM: Ah, anos?!

JC: Não, porque eu trabalhei muito com habitação popular, também era outra área que eles atuavam, não é? Habitação popular. Era época onde tinha muito financiamento...

RG: É. Em 75...

LM: É. Anos 70...

17 min 04 seg

RG: Mas eles estavam desenvolvendo coisas aqui para o INCQS, é isso?

JC: Eles também estavam desenvolvendo coisas aqui para o INCQS. Bom, você sabe como que é...

RG: Eu sei.

JC: Que vai tentando a sobrevivência... Eles também estavam trabalhando por aqui.

RG: Mas sua relação com o Ary Celso France que é o autor do projeto, como que era isso?

JC: Não, a relação com o Ary Celso France a minha foi de acompanhar o desenvolvimento entre obra e projeto.

RG: Projeto. Ah tá! O projeto era do Ary...

JC: Exatamente.

RG: E vocês tocavam a obra...

JC: É. Tocava a obra... Levantava questões, fazia... Sabe como que é. Não é?

LM: Sim, sim.

JC: O projeto vai evoluindo na medida em que vai sendo executado...

LM: É. A gente nunca soube da participação do SARTE aqui...

JC: SARTE.

LM: Da SARTE. Como é que aparecia isso, era a SARTE que aparecia mesmo enquanto pessoa jurídica?

JC: Acredito que sim. Acredito que sim.

RG: E a ICOPLAN não tem nada a ver com isso?

JC: A ICOPLAN tem.

LM: Posterior?

JC: A ICOPLAN tem por outro lado, do lado do projeto, de projetos específicos de engenharia... Eu estou tentando me lembrar aqui como é que... Bom, o pessoal da ICOPLAN era o ramo mato-grossense dos conhecidos... Você lembra do Roman?

RG: Não.

JC: Você chegou a conhecer o Roman?

RG: Não, acho que não.

JC: Margareth?

RG: Claro, a Margareth foi minha orientadora.

JC: Pois é, o marido dela, o irmão dele era diretor da ICOPLAN. É. Pois é, foi através desse irmão que a gente, a ICOPLAN também estava nessa história...

LM: O Roman foi seu colega, é isso?

JC: O Roman e a Margareth foram meus contemporâneos.

LM: Ta.

RG: Foi umas duas turmas depois da minha, mas fomos contemporâneos.

LM: Sei. E tinha alguns amigos, tinha uma colônia mato-grossense na Escola da qual eles faziam parte. O Caio, não sei se você se lembra do Caio Nogueira. Chegou a conhecer o Caio Nogueira?

RG: Não.

JC: Mariselma que era da Caixa Econômica, ainda é da Caixa Econômica.

RG: Não sei não.

JC: Qual era o nome do... (reflexivo) Aí meu Deus, fugiu agora!

RG: Eu não sabia desse...

JC: Depois eu lembro.

20 min

RG: E como é que foi... Aí em dado momento você resolveu fazer o mestrado logo depois, porque você terminou o mestrado em 83, não é?

LM: E nesse período você ainda não estava aqui na Fiocruz, não é? Você entrou na Fiocruz em 85, não é isso?

JC: É.

LM: E com o mestrado ele apareceu, essa área mais acadêmica, porque você sempre teve um vínculo com ensino... Eu estava reparando na sua trajetória, você sempre gostou de ensinar, sempre estava sempre dando aula, aqui, ali, acolá. Deu aula na...

JC: O meu primeiro posto como professor foi na Gama Filho.

LM: Gama Filho, exatamente.

JC: Porque, agora você vê como que são as coisas. A minha mãe ela, o meu avô conhecia o próprio Gama Filho da época ele tinha uma farmácia.

LM: Ah, nossa mãe! (risos)

JC: Em São Cristóvão o meu avô conhecia, e a minha mãe conhecia a família também e um dia a gente conversando, ela falou: “Você quer que eu fale como ele e tal para você dar aula lá?” “Você fala então que eu vou lá”. Aí fui dar aula na Gama Filho, fiquei lá muito tempo, não foi para sempre, mas dava aula de noite lá.

LM: Lá na Piedade.

JC: Na Piedade, no início da Escola, não é? Logo no início da Escola.

LM: E você gostou de dar aula, foi uma experiência boa? Gostou, não é? Tanto que ficou... (risos) Até hoje ficou.

JC: Gostei, mas eu gostava muito também da parte de ler, de discutir, de pesquisar, especialmente gostava da área de execução, que eu estava muito envolvido nessa época da relação projeto obra. Quer dizer, é uma relação de... Havia um... Para você que é de fora da área... Havia, vamos dizer assim, um setor de conhecimento profissional que não era repassado na escola formalmente e que era tudo que a gente podia aprender através dos estágios, através das práticas, da prática profissional, qualquer que fosse o vínculo, qualquer que fosse o nível de complexidade, que é o que a gente chama na trajetória do projeto de detalhamento executivo do projeto. Quer dizer, é você dar uma consistência técnica, executiva para uma idéia que está bem lançada, dimensionada. Então vamos, mas aí como vamos fazer isso de verdade. Quer dizer, como é que vão ser desenvolvidos todos os documentos de projetos necessários para você passar para um engenheiro, para um mestre de obra, para o oficial abrir a planta lá no canteiro e ver: “Ó aqui tem que ser feito assim, assado e tal”. Quer dizer ter tudo isso resolvido por antecipação. Esse detalhamento do executivo é a última parte do projeto, do projeto de execução, ele não tem escola.

RG: É, por mais que...

(riso de todos)

JC: Até hoje não tem. Acho que até hoje não tem.

LM: É no cotidiano, não é? É na prática. É com a prática que você aprende, não é?

JC: Até hoje eu acho que não tem. É muito difícil. É um processo de auto-aprendizagem constante. Não é? E no fundo é um problema de produção, no fundo um problema de

produção, um problema comum as pessoas que se dedicavam na engenharia, não a engenharia civil propriamente dita, mas a engenharia industrial, e surgiu essa possibilidade de fazer o mestrado. E aí também ficou uma decisão assim em conjunto com dois ou três amigos que entraram na mesma turma, um deles...

RG: O Roman.

JC: Não, um deles é o Sérgio Leusin.

RG: Ah, Sérgio Leusin, foi meu professor.

LM: Ah tá!

JC: Que ele acabou de se aposentar.

LM: É mesmo é?

JC: É. Eu estava dando uma cadeira com ele esse semestre e ele disse: “Toma que o filho é teu”. (risos)

LM: “Estou me aposentando”.

JC: “Estou me aposentando”.

RG: Ele é novo!

JC: Ele é novo, só que juntou trabalho desde o jardim da infância. (risos de todos)

LM: Até dá o tempo de se aposentar, não é? (rindo)

JC: Juntou tudo e está se aposentando, aposentou. Embora ele vá sair do mestrado. Ele vai ficar lá... Não sei. É uma coisa meio esquisita, mas ele é um aposentado... Aí eu descobri que tem outros também, A Marlice também é aposentada e que está lá encostada no mestrado. Eles dão aula e não saem de lá.

RG: É.

JC: Recebe do mesmo jeito, mas também não tem as mesmas obrigações.

RG: Como se fosse uma (inaudível aos 25min:32seg)

25 min 32 seg

JC: Aí o mestrado foi aqui na COB.

LM: Na UFRJ, não é?

JC: É foi no a COB. O Sérgio e mais duas ou três pessoas que... O Sérgio foi que, vamos dizer assim, continuou ainda próximo. Depois eu fui para a UFF, não porque o Sérgio tinha ido, mas... Ah, o Sérgio já tinha ido um ano ou mais antes, dois ou três anos antes de mim lá para UFF, tinha feito concurso. Eu só fui fazer concurso no outro concurso que teve mais tarde.

LM: E a sua dissertação de mestrado eu achei interessante: A racionalidade na arquitetura, considerações sobre a relação entre desenvolvimento tecnológico ocorrido no projeto de edificação.

JC: Pois é.

LM: Pelo que eu estou vendo aqui já aparece essa preocupação com tecnologia, com desenvolvimento tecnológico de material também, não é isso?

JC: É.

LM: Já nesse momento, não é? E qual foi a importância assim desse estudo para a sua atuação profissional ali naquele momento, foi uma coisa que consolidou, ou não foi...

JC: Tinha esse prazer, e isso foi consolidado também assim com essa.... Ocupar o posto de fiscal de projetos.

LM: Sim.

JC: De dois projetos e outras obras e tal, tinha esse prazer de ver as coisas bem resolvidas e bem executadas, não é? E às vezes o prazer de corrigir detalhes, corrigir, estudar detalhes, corrigir, eu passava. Eu pegava uma informação já fazia um projeto baseado numa experiência anterior, nesse sentido esse estudo aí da racionalidade, do emprego da tecnologia me ajudou bastante, ajudou bastante a buscar uma determinada produtividade no trabalho. Enfim, fazer desse campo. O Sérgio continuou muito, um a mais do que, talvez, ele continuou estudando isso. Aliás, ele até hoje está dentro, muito dentro dessa área. Na verdade, não é a tua que a cadeira, essa disciplina que a gente divide é aquele famoso planejamento e controle no desenvolvimento de projeto. Planejamento e controle de projeto, a produção de projeto.

RG: Não tive.

JC: Não teve essa cadeira não?

RG: Não, isso é mais recente.

JC: Ah então foi mais recente, não é?

RG: Foi mais recente.

JC: Quer dizer, trabalha com isso, quer dizer, o que é necessário para você ter uma idéia, e torná-la concreta, mas dentro de um determinado ambiente de produção onde você controle dados, insumos, qualidade técnica da solução, esse tipo de coisa que teve uma época muito em voga, a discussão dos parâmetros da teoria da qualidade, não é? Houve uma... Hoje talvez isso tenha caído um pouco mais. E, enfim, mas houve essa vinculação entre a (inaudível aos 29min:18seg) e talvez pudesse até ter sido mais intensa, ou ter tido outros desdobramentos, mas na verdade teve esse desdobramento, houve essa dissertação de mestrado.

RG: Você estudou no mestrado...

LM: Isso, é o cotidiano profissional.

RG: E depois do cotidiano profissional. Depois. Então deixa eu só confirmar um negócio. Você fez o mestrado em 81 a 83, digamos, ou antes até, 80... Foi comecinho da década de 80, não é? Ou não?

LM: É porque o término foi em 83...

JC: 83. Foi entre 80 e 83.

LM: É. Por aí.

RG: 3 anos, 2 anos. Foi na mesma época que você já estava aqui no INCQS?

JC: Não, eu entrei aqui.

LM: Foi em 85.

RG: Bom, essa...

JC: Pois é, o que eu queria... Essa coisa da ICOPLAN ela se, vamos dizer assim, ela se fundiu. Assim como outros trabalhos, porque na verdade a gente não ficava exclusivamente no mestrado, havia... A gente tinha uma bolsa, mas não era uma bolsa significativa, e em surgindo oportunidades a gente sempre fazia uma coisa ou outra, era... E uma dessas foi essa oportunidade de vir trabalhar no INCQS.

RG: O INCQS é um projeto de 77... Deve ter terminado o que, em 81, essa é a idéia que a gente tem.

JC: Em 80 e?

RG: 81. Que foi a inauguração dele.

JC: É.

RG: Então você trabalhou na obra e pegou esse finalzinho aí, não é? Na década de 70.

JC: Peguei o finalzinho.

RG: Ao mesmo tempo você dava aula na Gama Filho.

JC: É.

RG: Mestrado.

JC: É. A gente fazia...

LM: Trabalhava para caramba, (risos) não é?

JC: Não, não tinha muita alternativa não, qualquer coisa que aparecesse...

31 min 11 seg

LM: Você tinha que abraçar, não é? Um pouco isso. E aí você resolveu fazer doutorado, não é? Depois.

JC: Isso depois.

RG: Isso depois.

LM: Muito depois.

JC: Depois. Muito depois, e depois de ter feito um curso na França.

LM: Pois é, é isso que eu queria saber. Esse curso ele foi, eu achei, vendo o seu currículo que ele tivesse sido uma coisa de sanduíche, mas não foi.

JC: Não.

LM: Não, foi um curso independente que você fez.

JC: Foi uma oportunidade que surgiu dentro dessa coisa de pesquisar materiais, tecnologia e surgiu essa oportunidade de fazer esse curso que era de desenho industrial na área de construção, na área de produtos para construção.

LM: Desenvolvimento de produtos para construção.

JC: Desenvolvimento de produtos.

LM: Ah tá!

JC: Bom, aí eu fiz esse curso. Agora eu acho que se eu tivesse retornado o que eu retornei tivesse ficado numa outra situação no mercado, inclusive indo para São Paulo, eu teria entrado mais nessa área profissionalmente.

A única possibilidade que eu vi de aproveitar o que eu tinha aprendido e visto nesse curso foi fazer uma proposta para desenvolver o doutorado. E aí entra o doutorado com essa visão de inovação tecnológica de desenvolvimento na construção.

LM: E aí você foi para USP. Não é?

JC: Eu fui para USP.

LM: E que tal a USP, como é que foi?

JC: Ah, a USP foi muito boa! Acho... Tive lá como orientador o Paulo Bruno, que era um autor que eu já tinha lido...

LM: Nossa! Legal.

JC: Eu tinha trabalho, já tinha visto coisas dele quando eu estava pesquisando, pré-fabricação, toda essa coisa da produção racionalizada da construção. E o Paulo Bruno acolheu e... Continuei fazendo embora não sem sofrer um pouco com os anos... (risos)

JC: E fui fazendo, embora não sem sobre um pouco.

LM: Doutorado não adianta, todo mundo sofre. (risos)

JC: Todo mundo sofre. O primeiro trabalho que eu entreguei, ele quase que jogou no lixo. (rindo) Fiquei arrasado. (risos muitos de todos) Eu fiquei arrasado.

LM: Ai, ai, ai.

RG: Mas lá em Paris você ficou quanto tempo lá?

JC: Eu fiquei um ano e meio, eu acho, quase dois anos...

LM: Bom, não é?

JC: Bom!

LM: Hum, hum. Aí no doutorado a gente vê de novo uma preocupação com a questão da inovação tecnológica. Não é?

JC: Com tecnologia.

LM: Com a tecnologia na verdade.

JC: E foi uma pena eu não fazer a tecnológica, foi o momento na verdade de uma preocupação com os sistemas construtivos, tecnologia da construção. Aí entra a evolução dessa tecnologia e o mecanismo da evolução, isso é, o mecanismo da criação e da inovação dentro dessa área técnica e como isso se relacionava com a teoria do desenho industrial que era uma coisa muito interessante como metodologia de projeto, desenhistas industriais pela proximidade de

produzir, especialmente desenvolvimento de produtos. Eu já tinha tido contatos com eles aqui na COC porque a área que eu fiz era uma área de produto aqui na COC. Dentro da área de engenharia de produção. Esses desenhistas industriais que era de produção tem uma visão muito diversa, um pouco destoante da visão dos arquitetos, mesmo dos melhores no sentido... Porque o arquiteto cria obra única, não é?

LM: (risos) Ele é a obra, não é? (risos muitos atrapalham ouvir direitinho)

JC: Aquela coisa assim... Mas o arquiteto ele não... O arquiteto não vê o público, não é? Que vai trabalhar, que vai estar dentro da obra. Via mais de uma forma assim muito... Não usa, por exemplo, desconhece completamente análises (inaudível aos 36:23 seg) Trabalho que é uma coisa empregada pela engenharia de construção, pelo desenho industrial, tem tanta coisa que a gente desconhece na arquitetura justamente pela forma de organizar o trabalho, que o próprio setor da construção tem, não é? E já que é uma coisa meio manufatureira, onde a margem de lucro vem do aproveitamento dos terrenos, da forma de localização... Da localização dentro do espaço urbano, enfim, de uma série de outros fatores que não são os fatores que se pode, que chamam de industriais, não é? A lógica da produção industrial não passa longe disso. E os arquitetos eles não se interessam e nem estão profissionalmente inseridos dentro do setor de material de construção civil.

LM: Entendi.

JC: Não estão, não têm nada a ver com isso. Isso é uma coisa que...

LM: Mas deveria ter, não é? Porque...

JC: Inclusive.

LM: Se faz projeto é para usar esse tipo de material, não é? Para trabalhar com isso, então o diálogo devia ser mais intenso.

RG: É como ela falou, é um trabalho de muita criação.

LM: É.

RG: É uma coisa...

JC: É, porque a maioria agora é do moderno, não é? Da obra das belas artes.

RG: Das Belas artes.

LM: Entendi.

JC: Com a tradição de que você vai criar um movimento, os movimentos têm que ser...

RG: Únicos.

JC: Únicos. Tem que ser... As pessoas têm que se adaptar aos movimentos. (risos) Usas os movimentos de acordo

LM: (risos) Ele é para mim o máximo disso, não é? Ele não pensa absolutamente na pessoa.

JC: De acordo com o que você acha que deve ser... Não tem solução, não é? A melhor solução é aquilo. (rindo)

LM: É. Hum, hum.

JC: Então quem mora em Niterói, ou quem passa por Niterói sabe o que é isso, está ali em exposição, o *showroom* da praia...

LM: É.

JC: E está cada vez ficando mais... Está demorando, mas está se erguendo ali.

RG: É, vai aos pouquinhos.

JC: Aos pouquinhos.

LM: Aquele Caminho Niemeyer que você está falando.

RG: É o Niemeyer.

JC: O showroom. A cidade que resolveu colocar o showroom.

RG: O Niemeyer.

LM: É.

JC: O Niemeyer ali na beira-mar, não é? Na orla.

RG: Na orla.

LM: Não, eu até falei isso pensando no projeto do CIEPS, por exemplo, que puxa, eu me lembro que há muitos anos atrás quando teve esse projeto e tudo, que os meus próprios professores, educadores, assim, tinham sérias críticas, porque a coisa da audição, da acústica era péssimo, era quente, era tudo... Então, assim, você até olha de fora: “Puxa, que projeto interessante e tal”. Mas na hora da prática, de você botar gente lá dentro, não tem esse tipo de preocupação, não é? Talvez seja isso que vocês falaram, de construir uma coisa meio única, meio...

JC: Mas isso trocado em miúdos, o que a gente está falando é assim o exemplo extremo.

LM: Máximo, é.

JC: Isso é trocado em miúdos e é vulgarizado também, quer dizer, é repassado através de gerações, na forma de ensinar, na forma de exercitar dentro da área de ensino, o projeto não é um projeto... E com isso a gente eu acho que reage a acompanhar e a se abrir para novos campos de conhecimento. E...

40 min 43 seg

RG: Espera aí. Deixa eu voltar aqui.

LM: É.

LM: Então deixa eu esclarecer. Quando você trabalha para a ICOPLAN você não é, não trabalhava direto na Fiocruz, você trabalhava dentro do escritório da ICOPLAN não é isso?

JC: É.

LM: Esta casando o INCQS, não é?

JC: E fazia a coordenação de projeto, obra...

LM: E a sua passagem pela DIRAC.

JC: É essa passagem se deu um belo dia onde eu não estava em nenhum nem outro lugar e o Arouca assumiu e eu resolvi vim conversar com o Arouca sozinho...

LM: Ah! Eu achei que tivesse sido uma coisa quase que contínua. Houve uma interrupção?

JC: É. Houve. Não sei, eu não me lembro agora de quanto tempo, mas eu vim conversar com o Arouca, porque ele era médico, conhecia uns amigos meus.

LM: Ah tá!

JC: E eu disse: “Eu vou lá. Já que ele está assumindo, tenho algumas opiniões sobre o campo, sobre obras do campus”.

RG: O Neivaldo era da ICOPLAN também, não era?

JC: O Neivaldo?

RG: É.

JC: Eu acho que sim.

RG: O Sinval também?

JC: Não me lembro não.

RG: Ele (inaudível aos 42min)

JC: Talvez sim também.

RG: Quem era o presidente, você se lembra assim? Que trabalhava nesse projeto aqui no INCQS?

JC: Não, não me lembro, assim para te dizer assim com certeza não sei.

RG: Eu achei que tivesse sido alguma coisa automática.

LM: É. ICOPLAN foi quase que é absorvido pela Fiocruz, não é? Mas pelo que ele está falando não, não é?

JC: Não.

LM: Foi algumas pessoas que ficaram.

JC: Algumas pessoas.

RG: É interessante depois a gente checar essa história do Nivaldo.

LM: Ta. Hum, hum.

JC: É. Depois você dá uma checada que pode ter uma outra memória.

LM: Ta. Hum, hum. E aí você disse que veio conversar com o Arouca porque você tinha algumas idéias, algumas opiniões sobre o campo. Que idéias e que opiniões que eram essas, você ainda lembra para poder fazer para com gente? Quer dizer, o campus de 1985 era bem diferente.

JC: Era bem diferente.

LM: Não tinha esse monte de construção. (risos) E aí?

JC: É tinha muita coisa por fazer ainda, não tinha projetos que organizassem, que desse uma diretriz para ocupação, isso eu acho que já era uma preocupação na época de fazer um plano diretor de obras.

LM: A ocupação era uma coisa meio desordenada assim.

JC: É.

LM: Não é?

JC: É.

LM: Uma diretoria resolver fazer um prédio aí...

JC: Como em toda instituição brasileira. Você vai num hospital é assim, você tem uma direção, depois tem outra direção, aí vai trocando, vai consolidando na medida em que... Por isso que os administradores têm uma verdadeira urgência em inaugurar, em termos, não é? Inaugurar, porque ele sabe (risos) corre o risco de não acontecer (risos), de não consolidar aquilo que ele começou, não é? Tem essa, esse descompromisso.

RG: Quer dizer que o Arouca já tinha essa preocupação então antes?

JC: Já. O Arouca já tinha sim. Puxa, podia ter me preparado melhor até para até exercitado a minha memória antes.

LM: (risos)

JC: Se eu soubesse que vocês queriam coisas assim nessa trajetória.

LM: Não, mas tudo bem, a gente pode fazer uma segunda etapa depois, não tem problema.

JC: Que às vezes são detalhes importantes que você deixa de citar...

LM: É. Se você quiser a gente pode marcar depois... (risos)

JC: Por uma lacuna...

RG: De memória.

JC: De memória. (rindo) É Alzheimer...

(risos de todos)

RG: Está certo. (rindo)

LM: Mas a gente pode marcar uma outra sessão quando voltar de férias.

JC: É. Pois é.

LM: Não é?

JC: Pois é. Eu tinha... Eu também tenho um arquivo de plantas, inclusive essas que não foram levantadas. (rindo) Desses projetos que não foram executados. Que não foram executados.

LM: Pois é, interessante.

JC: Eu posso passar para vocês

LM: É, e isso a gente acabou registrando só informalmente. Esse projeto da creche que você está falando, projeto arquitetônico que foi...

RG: Ganhou um prêmio.

LM: Ganhou um prêmio, não é?

JC: É. No IAB.

LM: Que prêmio foi esse. Se lembra?

JC: A IAB tem uma premiação anual e a gente escreveu, quer dizer, fez uma...

LM: A gente quem?

JC: A gente nós autores.

LM: Quem?

JC: Eu... Eu posso estar errado, mas eu acho que a Cristina Simons assinou também, na época. A Cristina Simons assinou um outro projeto aqui comigo, que outro dia eu me lembrei, porque encontrei com ela depois de muitos anos, que foi o Salão Internacional aqui.

LM: Ah, ta!

RG: Fizeram juntos também. Não é? Mas vocês escreveram lá no IAB.

JC: Nos escrevemos colocando, destacando a questão do conforto ambiental que era a tônica do projeto como ele estava pensando, não é? E deu certo, fui selecionado, ganhamos menção honrosa...

RG: Isso foi que ano?

LM: Não me lembro, para dizer sinceramente assim eu não lembro exatamente a data não.

RG: Mas isso foi no finalzinho da década de 80.

LM: 80. É. Mas aí esse projeto embora tenha sido vencedor desse prêmio e tudo ele não foi concretizado?

JC: Ele não foi concretizado por uma decisão institucional.

LM: Institucional.

JC: Na qual até a gente concorreu.

LM: Política?

JC: É aquela história, nós estávamos no final de gestão aí do governo do...

LM: 80 e pouco?

JC: Não, governo estadual do Brizola, se eu não me engano.

LM: Ah sim!

JC: Onde a fábrica de...

LM: Marcelo Alencar, Brizola...

JC: As escolas tinham sido fechadas e nós... Houve a possibilidade da gente ganhar escolas pré fabricadas.

LM: Pré fabricadas.

JC: Já prontas. E a gente achou que era muito interessante para o projeto. A história, nós estamos no projeto, era bom também, era um projeto que para a gente tinha significado... (inaudível aos 47min:54seg) Enfim, tinha toda essa idéia da pré fabricação envolvida, uma coisa que a gente continuou a querer importar de uma forma ou de outra... Fomos lá na fábrica de escolas não conseguimos.

LM: Ah! (risos)

JC: Por isso nós montamos o nosso projeto. (risos)

LM: Ah! Você mesmo, não é? Vocês mesmos.

JC: É.

LM: Ah! Então foi por isso que ele não foi...

JC: Mas aí teve... Quer dizer, com isso a Fiocruz também conseguiu erguer e inaugurar a creche.

LM: Inaugurou rápido, recorde.

JC: Foi recorde.

LM: Hum, hum. E tinha alguma semelhança, não?

JC: Não. Não.

LM: Não. Nenhuma. Entre os projetos?

JC: Não tinha não.

LM: Imagino.

RG: E aí bojo dessas coisas vieram outros prédios aqui dentro no mesmo sistema. A própria sede da Dirac.

JC: Exatamente. O material era de graça. Era de graça.

LM: Olha só!

JC: Era material próprio...

RG: Ali onde tem a Osório...

JC: Ali na...

RG: Não, aqui dentro do Campus tem vários. Não é?

JC: Sim, mas a fábrica de escola.

RG: Ah sim, sim!

JC: Era na Presidente Vargas.

RG: É, Presidente Vargas.

LM: É.

JC: E aí a gente ia lá, pegava. Não tinha outra utilidade, estava terminando o governo, mas a gente ainda conseguia ter esse acesso.

LM: Era a mesma fábrica que fazia os CIEPS?

JC: Não.

RG: Era outra história?

JC: Era outra história. Era outra linha.

RG: Era o mesmo tipo de...

JC: Não, o CIEP era concreto e essa era argamassa armada.

RG: Ah tá!

JC: Era diferente.

RG: Mas era um sistema pré-fabricado também.

JC: Era, mas as dimensões eram enormes, eram aquelas coisas monstruosas.

E a fábrica era uma coisa muito pequena que ia crescendo mesmo em uma e outra área construída.

RG: Mas na questão de durabilidade desse material, isso foi pensando na época?

JC: Foi pensado na época, todo material precisa de manutenção, nós fizemos chegamos a fazer cursos, tive conversas com o pessoal da fábrica de escolas de Brasília, que era um pessoal que já trabalhava com argamassa armada a algum tempo, como o próprio Lelé.

LM: Esse Lelé que você fala...

RG: O João Filgueiras.

LM: Ah ta.

JC: O João Filgueiras de Lima, que é um arquiteto que é muito... É vinculado, a história dele é vinculada com a história do Oscar Niemayer também.

LM: Sim. Hum, hum.

JC: Não é? Mas ele tem uma linha de trabalho um pouco mais independente no sentido de que ele trabalha com essa coisa da isenção de construção, de pré-fabricação.

RG: Ele é o autor dos Hospitais da Rede Sarah.

LM: Ah, ta!

JC: É. Ele pega todos esses hospitais da Rede Sarah, faz muita coisa interessante. E eu sei que acabou saindo como tudo depende de... Depende de manutenção. (inaudível aos 51min:23seg) Bom, aí outra coisa que eu não aprendi em lugar nenhum foi a questão da engenharia de manutenção.

LM: Aprendeu só na prática. (rindo)

JC: Aprendi fazendo. Porque eu tinha colegas que trabalhavam na área e tinha, comecei a perceber também que a área era organizada, quer dizer, tinha um curso de especialização, tinha carreiras definidas. Nós trabalhamos com um grupo que veio da Petrobrás, um grupo de engenharia de manutenção. Fui amigo de uns deles, o Pedro Junger. Não sei se você lembra dele?

RG: Esse nome não me é estranho.

JC: Pois é o Pedro Junger foi da área do setor de manutenção e ele organizou uma manutenção preditiva. A manutenção existe a preditiva, a preventiva e a curativa, digamos assim.

LM: Sim. A preditiva vem antes da preventiva?!

JC: É. Exatamente.

LM: O que é a preditiva?

JC: Numa área de indústria como a Petrobrás tem determinados equipamentos, que são retirados depois de um determinado, depois de um prazo...

LM: De um tempo de uso.

JC: De um tempo de uso. Independentemente do estado que ele esteja, ou não?

JC: (falam juntos) Aí eles são substituídos, pelos chamados preventivos. É uma coisa que...

RG: Antes que apresente qualquer defeito...

JC: É muito mais baseado no ciclo de vida do que propriamente...

RG: Um diagnóstico.

JC: Um diagnóstico.

LM: Isso.

JC: O preventivo seria de fazer, de você correr uma instalação e ver o que está prestes a ser perder, ou a parar, vários problemas e aí você substituir mais preventivamente. Mas preditivo é anterior a isso.

RG: Vamos dizer assim, é uma coisa mais sistemática.

JC: Mais sistemática, depois vai ter reflexo maior também sobre os demais materiais.

RG: Sobre resistência.

LM: É.

JC: E aí a gente montou um programa dentro da Fundação que era um programa novo dentro desse espírito.

Enfim, manutenção foi uma coisa que passou a se interessante também, no sentido que não era só um conserto, não era só uma área de conserto, era uma área que você podia explicar para as pessoas que estavam fazendo aquilo para que não apresentasse um problema futuro. Não é? E certos equipamentos de laboratório, por exemplo, todos eles, funcionam dentro dessa lógica.

LM: Preditiva? Hum, hum.

JC: É.

LM: Interessante.

JC: Então isso também eu aprendi na escola de arquitetura...

LM: Não, não foi aqui.

JC: ...Manutenção é uma palavra proibida. (riso de todos) É uma coisa para... É uma coisa para conserto mesmo, é aquela coisinha assim de trocar lâmpada, não é?

RG: É verdade.

JC: Então a gente... (falam juntos)

LM: O que vocês aprendem?

JC: Não chega. Não chega para falar disso.

RG: Não, não fala.

JC: Esse é um problema que não existe.

RG: Não aparece.

JC: Esse não é um problema que exista. Entendeu?

LM: É. (risos)

JC: “Esse é um problema do Zé”.

LM: (risos) É.

JC: “Se isso não funciona não é problema meu”.

LM: É problema de quem vai usar.

JC: É problema de quem vai usar.

LM: Gente!

55 min 09 seg

JC: E aí depois nessa linha de preocupações é que entrou a avaliação pós ocupação.

LM: Hum! (risos de todos)

JC: Porque aí a avaliação e a ocupação era justamente você coletar as impressões, os pontos de vistas, as questões que estavam de fato acontecendo sem ninguém perguntar, ou melhor, você perguntando como é que isso está funcionando, qual o grau de satisfação desse grupo com relação a esse projeto ou a forma como ele foi construído, ou a forma como está sendo gerenciado, a instalação que está sendo gerenciada, a manutenção pós ocupação foi um programa de 3, 4 anos na época da gestão da Bia que a gente tocou adiante e também foi aprendizado, foi meio metade execução, metade aprendizado. A avaliação pós ocupação, agora falando, assim como a manutenção e assim como o detalhamento... (risos), mas é impressionante isso, não é? Eu acho que o currículo...

LM: Tinha que ter uma renovação aí, não é? Um diálogo maior com a...

JC: (falam juntos) fora do comum. Como é a (nome), que as pessoas... Que é uma coisa enraizada mesmo, de dizer que aquilo... Qual o papel da (nome)? Continua sendo para solucionar esses problemas esparsos, mas não de executar.

LM: Executar ou manter.

JC: E mesmo que não seja executar teria que ter algum tipo de preocupação, algum instrumento que traduzisse a preocupação de como é que aquilo foi se comportando num prazo

imediatamente posterior à entrega, ao uso, essa coisa do... Da vivência, não é? Do ambiente... Depois surgiu isso com as preocupações com o desempenho do ambiente construído... Mas isso ainda pouco traduzido por um cotidiano profissional, muito pouco traduzido pelo cotidiano profissional. Ficou lá em termos de linhas teóricas muito pouco traduzido. Tanto que o fato de a gente ter tido um problema tanto tempo, 3, ou 4 anos de avaliação pós ocupação numa instituição foi uma coisa única.

LM: Inovadora, não é?

JC: É. Foi inovadora, que foi citado em alguns lugares, mas foi uma experiência, uma experiência única.

LM: Certo.

JC: Eu estou querendo ver se eu vendo a idéia agora... E isso depende o seguinte, é interessante como a gente trabalha, mas depende de quem é que com conhece que esteja no poder.

LM: (risos) É.

JC: A gente vê quem é que vai realizar uma idéia, não é? Então eu estou querendo ver se... Bom, a outra instituição que eu fiz um programa desse foi... Mas não trabalhando diretamente, mas indiretamente só como orientador foi a Fundação Casa Rui Barbosa. Onde eu também tinha uma conhecida que é a Ana Pessoa.

RG: Ana Pessoa.

JC: Que é uma arquiteta, mas que trabalha na área de patrimônio a muito tempo, não é?

Foi minha contemporânea também de escola. E ela me chamou sabendo que eu estava trabalhando com essa coisa da avaliação, eles estavam querendo fazer um programa de recodificação, não é? Eles tinham uma parte do patrimônio tombado, e tinha a parte do patrimônio tombado, a casa, e tinha aquele prédio que era do Jorge Ferreira.

LM: Jorge Ferreira?

RG: Trabalhou com o senhor lá?

JC: É,

LM: É?!

JC: É.

LM: O nosso Jorge Ferreira?

JC: Eu acho. Não sei se é mesmo, é mesmo?

RG: Pode ser. Mas engraçado, o que a Claudia Carvalho me fala, a arquiteta que trabalha...

JC: A Cláudia?

RG: A Cláudia é.

JC: Sei quem é.

RG: Que foi um projeto do Lucio Costa, ou uma idéia do Lúcio Costa que depois alguém executou. O Jorge Ferreira é?! Eu vou perguntar... .

JC: Eu posso tirar isso a limpo para vocês.

RG: Porque na verdade lá onde tem um auditório, fica lá no fundo.

JC: É?

RG: Não é bom, eu não gosto dele...

LM: Eu acho que é meio...

JC: Qual o escritório?

LM: É aquele que você desce assim...

RG: E tem um auditório lá embaixo.

LM: É, lá embaixo assim. Agora em cima eu não sei... São áreas de trabalho, não é?

RG: Eu estive lá, só no auditório.

JC: Eu vou tirar isso a limpo para vocês, pode ser que eu esteja errado.

RG: Ah, interessante não sabia que você tinha feito esse projeto.

JC: Fiz. Fizemos.

LM: Que a Cláudia Carvalho está tocando direto.

JC: Sim a Cláudia sempre fez a parte... E a gente fazia a coordenação tanto da avaliação como dos projetos de execução, de reforma, requalificação lá da parte de trás.

LM: É o que você está chamando da readequação da sede administrava.

JC: Readequação.

LM: Da Fundação.

JC: É isso aí.

1 h 1 min 23 seg

LM: Jorge, você é uma pessoa que já está há muitos anos, a gente já falou isso, envolvido com a área do ensino, com a educação, e você agora acabou de falar em determinadas questões que deveriam acompanhar o curso de arquitetura, mas que não acompanha, não é? (rindo) Você só aprende quando você cai no mercado de trabalho, não é? Você vê, vamos falar agora assim um pouquinho dessa tua atuação no magistério, que diferenças assim você pode ver, se é que elas existem, entre um profissional, ou um aluno, melhor dizendo, que a graduação que começou e até da pós também que se você quiser falar, lá nos anos 80, final dos anos 70, quando você começou a dar aula e o aluno de hoje assim. A gente teve muita mudança tecnológica, eu não sei se na época que você estudou, era de ficar desenhando plantas, construindo plantas, hoje em dia você tem o programa de computador, o Autocad, que eu acho que minimizou a beça essa tarefa, que ver para além...

JC: Em termos.

LM: Em termos. Pois é, eu queria que o senhor falasse só um pouco.

JC: Só passou.

LM: É?

JC: É. Passou de um instrumento para outro, o meu instrumento era régua paralela... Eu tinha até uma aqui. (risos)

LM: Você acha que os seus alunos sabem lidar com esses seus instrumentos?

JC: Com as réguas paralelas?

LM: É.

JC: Pois é, eu não tenho certeza não, mas eu acho que...

LM: Provavelmente vão lidar mal, não é?

JC: É. Da mesma forma que eu não sei. Já tentei até, me esforcei e tal, fiz curso, faculdade e tal, mas se você não tem muita vivência, convivência com o instrumento aquilo é sempre uma coisa complicada, não dá produtividade.

LM: Entendi.

JC: Não dá produtividade. Aí você já fica desesperado: “Pega a régua paralela!” (risos de todos) “Pega os esquadros...” (rindo) “a minha escala...” Vamos embora. Não dá, é impossível de ser resolver qualquer coisa, não é?

RG: Mas você faz projeto ainda?

JC: Não, eu... Deixa eu ver a última coisa que eu fiz... (rindo) Que eu me lembre assim o nome... Alguma coisa... (reflexivo) Não.

RG: Pois é, a gente acaba se distanciando, não é?

JC: É. Coisas assim que me pedem para fazer, umas coisas muito pontuais.

LM: Você bem logo lá depois da graduação quando você terminou você fez uns projetos de residência...

JC: É. Fiz. Fiz.

LM: E que tal, é bom trabalhar assim? Não. Não. Você fica muito a mercê do gosto do freguês?

JC: É uma relação de cliente, contrato muito, muito difícil, muito estreita, você fica obrigado a engolir alguns sapos... Eu acho que na verdade quando você está no emprego público, você também engole sapos, só que são de outro gênero.

LM: Hum, hum. (risos)

JC: Tão diretamente naquela pessoa trabalhar e... Ou seja, não me agradei. Até tentei. Tenho um colega, o Mauro... Não sei se você conhece o Mauro (sobrenome)

RG: Já ouvi falar também. Já.

JC: Um colega que é contemporâneo que mora no mesmo bairro que eu moro, o Maurinho. Ele até hoje é um arquiteto de clientes individuais. Assim, ele trabalha em casa, faz a casa de um, a casa de outro, não sei o que...

RG: É um mercado que se sustenta.

JC: Ele consegue fazer isso, não sei como, mas consegue fazer isso. Mas é muito, é muito limitante, eu prefiro fazer numa instituição pública.

LM: É. Você fica mais livre mesmo.

JC: Você tem contato com outras pessoas, outras oportunidades, você atende outras fontes. Hoje mesmo... (rindo). Eu nesse trabalho de avaliação desenvolvi aquela coisa junto com os alunos lá para o Instituto Vital Brasil, é um trabalho que ainda está andando porque eles abriam fazenda, não é? E esse ano... Puxa, não está aqui... Ah, está ali na minha pasta! – Uma aluna de mestrado fez uma avaliação na fazenda, me entregou, eu fui lá pegar hoje com ela no Instituto Vital Brasil. Tem 150 cavalos dos quais se retira sangue para fazer o soro antiofídico, não é? E esses cavalos ficavam lá no terreno dentro de Niterói, tradicionalmente.

RG: Lá perto?

JC: Na Santa Rosa. Ali é Santa Rosa, não é? E aí compraram, conseguiram uma fazenda de uma outra instituição pública que eu não sei bem como que foi em Rio Bonito e aí passaram os cavalos os cavalos para lá...

LM: É que é relativamente próximo, não é?

JC: É. É próximo. Então o soro só tem que fazer duas horas... O soro, o sangue só tem que fazer duas horas de viagem.

LM: Entendi.

JC: Mas aí eu tinha feito um trabalho com alguns alunos na sede no ano passado da onde saiu aquele capítulo daquele livro que a gente escreveu. E esse ano juntou a fome com a vontade de comer, porque eu tinha uma aluna de Minas Gerais que no primeiro dia disse assim: “Eu gosto de arquitetura animal”. (risos)

LM: Aí, que bom!

JC: Eu adorei! Eu falei: “Opa!”

LM: (risos) “Tem trabalho para você”

JC: “Tem trabalho para você”. (risos) Estou brincando. Ela fez uma avaliação lá na fazenda.

Eu acho que... Na verdade eu ainda não vi todo o caminho não, mas foi outra instituição. Não é? Esse é um grupo. (Interrupção)

1 h 9 min

LM: Eu acho que a gente podia perguntar a ele o que ele acha das mudanças arquitetônicas nos últimos 25 anos aqui no campus. Saiu para essa coisa do (inaudível) O que vocês acham?

RG: É uma boa. O plano diretor é uma boa. Vamos retomar aqui então essa questão do plano diretor já desde o Arouca. Bom, em 89 o IBAM foi chamado para desenvolver o plano diretor, em 88, por aí. Eu não lembro, você chegou a participar dessa discussão, Jorge?

JC: Eu acho que sim

RG: Eu vim como estagiário do projeto.

JC: É?

LM: Você eu não me lembro se você estava.

JC: É, eu acho que sim, eu tinha trabalhado no IBAM.

LM: Você também trabalhou no IBAM?

JC: É. Eu trabalhei lá Riza Conde.

RG: Ah! A esposa do...

LM: Luiz Paulo Conde, não é?

JC: Luis Paulo Conde. São as relações que vão se formando. (inaudível), bota para lá, bota para cá, não sei o que... Lá na época eu conheci o Carlos

RG: O Carlos Nelson...

JC: Circulava por lá. Já era o fundador da Escola de Arquitetura da UFF.

RG: Isso.

JC: Almir Fernandes. Não lembra do Almir Fernandes?

RG: (Reflexivo) Almir? Almir talvez? O Arno Vogel.

JC: Arno. O Arno Vogel. Pois é, esse pessoal todo na frente, que era muito interessante também o trabalho deles, eu acho. Quer dizer, era uma tentativa muito interessante de levar a uma racionalidade, o planejamento, não é? As decisões urbanas mistas nos municípios de trabalhar com essa esfera municipal. Eu tinha, vamos dizer assim, tinha a felicidade de ver as coisas se concretizarem num tempo muito curto. É aquela história uma gestão...

LM: É rápido, não é? É uma coisa bem rápida.

JC: “Vamos resolver nessa gestão”. (rindo)

RG: Para registro, IBAM, é Instituto Brasileiro de Administração Municipal.

JC: É. Eles tinham uma proposta descentralizadora. Basicamente a proposta do IBAM era... E que foi reafirmada na Constituição de 88 O IBAM dando ao município...

RG: Isso exatamente.

LM: Uma autonomia, não é?

JC: É.

LM: É um outro papel, não é? Um outro status.

JC: Outro status.

RG: Uma outra escala e aí tem que providenciar planos diretores para cidades acima de tantos mil.

LM: Tantos habitantes.

JC: Certo? A gente no Brasil, as coisas funcionam um pouco assim, às vezes são decididas politicamente aí se cria um mercado de trabalho para um determinado produto, para uma determinada atividade dentro de um campo, não é? Essa do planejamento urbano,

desenvolvimento urbano municipal era uma coisa que dava muito campo de desenvolvimento, de mudanças... O sul do Brasil era pioneiro nisso, não é? Até porque os municípios que tinham maior tradição, de autonomia, desenvolvimento do interior, dos estados do sul era muito maior também, o desenvolvimento econômico, ascendência econômica...

LM: Agora, então, assim, do que você lembra desse plano Diretor do IBAM então aqui para a Fiocruz?

JC: O que eu lembro? Você fez uma pergunta difícil.

LM: Não, se você participava.

JC: Não.

LM: Dessa discussão eu acho que era mais a...

JC: Eu tenho... Talvez eu tenha até algum material dessa época, mas pontualmente assim detalhes eu não lembro muita coisa não. Eu sei que funcionava, tinha um determinado modo de trabalhar, e era uma coisa de discutir, conversar muito. Era dentro daquela, dentro daquela trajetória do Carlos Nelson, do Arno Vogel, daquele grupo de trazer a visão dos municípios, dos dirigentes, das associações, o Carlos Nelson começou desde a mais tenra idade nas favelas, com as comunidades. Eu diria que foi a marca de uma mudança de rumo e do reconhecimento de que a visão das pessoas, dos municípios ou dos moradores, enfim, contava e era a garantia de implantação do desenvolvimento e da sustentação, como se diz hoje: a Sustentabilidade.

LM: Sustentabilidade.

JC: Como se diz hoje, nessa época não se usava isso, de qualquer proposta de melhoria do ambiente lá. E isso veio se tornou paradigma urbano e só foi retomada aí, voltando àquela coisa da avaliação pós-ocupação, palidamente digo assim de passagem, com essa visão que o pessoal da avaliação, especialmente a Sheila (sobrenome) de São Paulo difundiu, de que os usuários das edificações tinham uma participação, tinham que ser conhecidos, tinham que ser ouvidos, consultados, para que as pessoas, os profissionais pudessem acumular o conhecimento do pós-fato, não é? De como é que as coisas tinham se comportado, como é que as idéias na verdade tinham sido absorvidas, o que havia de fantasia, que outros fatores pesaram na mudança e na transformação do ambiente depois de ser ocupado, utilizado durante um determinado tempo, mas isso eu acho que só palidamente, porque isso não se incorporou, e aí até hoje não se incorporou a um espectro de atividades profissionais. Quer dizer, você não faz contrato de avaliação para as ocupações, isso não existe. Se você quiser enfiar, como a gente fazia assim alguma coisa de avaliação antes de fazer e o projeto, para dar um... Para ter o pé um pouco mais no chão, para conhecer um pouco melhor a realidade, a situação, opiniões diversas você faz, mas não é adotado como metodologia dentro do contrato profissional, dentro dos contratos profissionais.

RG: Acaba virando uma pesquisa, não é?

JC: É. Acaba virando uma pesquisa em paralelo, não é? Que você pode se utilizar ou não, pode até demonstrar que...

LM: Olha...

LM: Mas e a aplicabilidade para você imediata?

JC: Não tem. Ninguém está... Não tem, nem sempre tem aplicabilidade imediata e também não se reconhece o valor. O valor continua ser de resolver as coisas, organizando, construindo, organizando, mas é isso.

Por isso até que o programa aqui da Fiocruz de avaliação é uma oportunidade, porque a gente estava dentro dessa área, uma areazinha, um escritório, uma área de engenharia institucional e se abriu a possibilidade de uma sequência de trabalho organizado por vários, por muito tempo e várias edificações, não é? Várias...

Agora, você fazer uma avaliação não significa também, isso é uma coisa que a bem da verdade tem que ser dita, que as conclusões que você tire, ou até que você evidência, as evidências que você consiga montar sejam respeitadas por quem está fazendo ou contratando o projeto.
(pigarro)

Isso, de certa forma, ficou demonstrado lá na casa Rui Barbosa, porque você tirava algumas, fazia algumas propostas e simplesmente a direção da Casa, podia ser em qualquer outro lugar, podia até dizer assim: “Não, isso eu não quero porque isso não me convence. Isso não é um resultado que tem um valor científico... As coisas não vão acontecer de maneira diferente, isso não vai prejudicar? Eu quero, ou não tenho possibilidade de fazer isso agora”. Portanto, o seu resultado fica perdido.

RG: É, de fato.

JC: A Avaliação é isso, uma relatividade diante de outras forças, não é só a conclusão da avaliação que vou te dar um caminho.

RG: Então, porque eu quero... Eu não sei se você já está com horário...

JC: Não.

LM: Pode continuar,

1h 19 min 45 seg

RG: Não, porque quando você chegou aqui em 85, ou até um pouquinho antes você viu nascer a Casa de Oswaldo Cruz. Eu me lembro no início quando eu cheguei aqui tinha a Sônia...

JC: É.

RG: Quer dizer, sempre era uma referência para Sônia, que a gente consultava e tudo. Como é que foi...

JC: Sônia, o Benedito.

RG: A Sônia e o Benedito. Depois a Cristina, não é?

JC: A Cristina. Mel, não é?

LM: Então como é que vocês da Dirac viram essa questão da chegada de outros arquitetos aqui no campus para a Casa de Oswaldo Cruz?

JC: Uma boa pergunta. (risos)

RG: Então essa questão de preservação... Eles faziam o serviço...

LM: Patrimônio.

JC: A preservação do patrimônio era uma atividade oficialmente reconhecida.

RG: Ah tá!

JC: Por conta do povoamento de... Por conta do povoamento. (risos) Entendeu? Já existia... (rindo) O Lucio Costa já tinha...

RG: Mas na prática como que era que...

JC: Mas então era uma atividade reconhecida como uma especialidade.

LM: Ah então!

RG: Entendi.

JC: Já era uma especialidade dentro da opção.

LM: Então nesse sentido você não via conflito?

JC: Nesse sentido a gente não via conflito porque dominava outro aspecto, outro campo.

RG: Ah tá!

LM: Outro olhar, outro saber.

JC: Um novo olhar, outro aspecto.

LM: Não tinha competição.

RG: Pois é, engraçado, que para gente parecia que não era bem assim, não é?

LM: Que existia. O que eu ouço falar também.

RG: Não é?

LM: É.

RG: A gente ouve falar que... sei lá! Não digo você, mas algumas pessoas ficaram melindradas até a disputa de mercado...

JC: Não, mas isso, esses melindres sempre existem quando chega uma pessoa nova.

LM: Sim.

JC: O profissional novo que trás outros conhecimentos, uma outra história dentro de um grupo que está fechado a algum tempo. Isso é uma coisa que independe do campo de atuação. Quando ele tem um campo de atuação específica é até mais fácil porque você é o especialista digamos que você fosse uma pessoa que trabalhasse com escritura. Que fizesse cálculo estrutural, você é um especialista em cálculo estrutural que não vai, não vai absolutamente colocar em xeque a minha atuação aqui, ali, o projeto, parte dos programas, estudos preliminares, aquele caminho clássico e mais, vamos dizer assim, valorizado da profissão, que é fazer um estudo preliminar, ter uma idéia genial. (risos)

LM: Ter uma idéia genial. (risos) Aí. Aí...

JC: Ter uma idéia genial. (risos) Ter uma idéia genial, fazer um rabisco.

RG: Aquele rabisco...

JC: E vai mostrar isso para os demais com aquele olhar de que fez uma coisa genial. (risos).

Mas, não era, era um especialista, não é?

RG: Bom, eu não sei porque o Zé Mauro já faleceu, mas a idéia que eu tinha é que ele ficou um pouco. Você conheceu? Bom, você conheceu o Mauro, obviamente.

JC: Claro que eu conhecia.

RG: Ele falava alguma coisa para você sobre isso?

JC: Não, não.

RG: Não, então foi tranquilo. A gente que...

JC: Não, tem variação você sabe de humor, personalidade, aí a gente vai correr atrás, (risos) do lado de lá as pessoas, tinha personalidades fortes também, aí os choques são remediáveis.

RG: Claro.

JC: Fica cada um querendo...

RG: Reconhecer...

JC: Uns conquistar territórios, e outros...

RG: Manter.

JC: Manter território. Isso é uma coisa que qualquer psicólogo (rindo) acompanhando...

LM: Consegue compreender.

JC: Consegue explicar. (risos) porque o ser humano é assim.

RG: Está certo.

JC: E o Zé Mauro não me lembro de... Ah, eu me lembro. Sabe por quê? Porque justamente os projetos, alguns projetos que se localizavam nas áreas de patrimônio era o Zé Mauro que trabalhava neles...

LM: Então deve ser por isso.

JC: Já antes da criação da Casa.

RG: Exatamente.

JC: Ele foi a pessoa mais diretamente atingida, não é?

LM: Exatamente.

JC: Ele era uma pessoa que gostava, que se interessava pela (nome), que tinha algum conhecimento, só talvez não tivesse o histórico ou a formação igual a da Cristina, ou do Benedito, não tinha, mas gostava daquilo que fazia do jeito dele também.

RG: É. Claro.

LM: Deve ter sido por isso que ficou. Não é?

JC: O Zé eu me lembro que atuava nessa área especificamente.

RG: Exatamente, nesses edifícios, não é?

JC: Nesses edifícios.

RG: Mais antigos. Você chegou a ser diretor da Dirac?

JC: Cheguei.

RG: Sem dúvida nenhuma.

LM: É. (risos)

JC: Na época de gestão, não é? De ocupação por gestão, não é?

RG: Como é que foi essa experiência?

JC: Eu acho que foi interessante, gostei, não achei ruim. Valeu que a pena ter a faca e o queijo na mão, inclusive orçamento, vontade de fazer, equipe, nessa época ela trabalhava-se muito, trabalhei muito.

LM: Foi nesses anos 2000. Não é? Ou foi...

JC: Foi.

LM: Foi. Não é?

JC: Deixa eu ver...

LM: Eu acho que foi pelo... Isso não está muito claro no seu...

JC: Tem que estar.

LM: Não só diz assim: GIRAC desde 85 até atual. Aí eu tenho informação que em 2000 você foi chefe do serviço de programas e projetos integrados, mas a parte mesmo de direção da Dirac não... Mas tudo bem deve ter sido início da década dos anos 2000.

JC: Não, foi antes.

LM: Foi antes?

JC: Espera aí. Deixa eu pensar aqui, eu acho que foi em 96, por aí.

LM: Ah tá.

RG: Foi.

LM: Então é bem anterior.

JC: É porque eu... (rindo) O que aconteceu de terrível também essas coisas... Eu defendi a minha tese de doutorado e um mês depois chegou o Ismael chegou para mim: "Você quer ser Diretor?" E eu não podia dizer não, não é?

LM: Você tem o seu doutorado é em 93, então deve ter sido 94, por aí.

JC: É. Pois é. Não foi muito distante disso não.

LM: Aí...

JC: Depois entrou, olha só, 3, mais 3 diretores pelo menos, São 12 anos...

LM: É.

JC: 12 anos. (reflexivo) Eu não me lembro bem, mas...

LM: Data...

JC: Mas eu posso ver isso também para você. Mas isso eu estava dizendo que não foi bom porque foi uma guinada de direção na hora que podia ter entrado mais firmemente na área acadêmica.

LM: Sim.

JC: Mas eu tinha uma relação muito forte com o pessoal daqui, a Instituição, o Manuel, e eu achava que eles estavam me dando oportunidade de fazer um trabalho legal.

LM: Aí teve que abraçar.

RG: Será que é o peso do doutorado também, quando você consegue o doutorado?

JC: É. Aquela coisa de... Mas eu acho que o Manuel não se guiou por isso não, eu acho que não foi não. Eu lembro uma vez conversando, ele ficou surpreso de eu ter já acabado, ter feito o doutorado.

RG: Ah, entendi. Então para ele isso não foi...

JC: É.

LM: Não foi o fator, não é?

Jorge, nesse tempo todo que você está aqui na Fiocruz, não é? Em torno de mais ou menos 25 anos, por aí, não é? É um tempo grande e que a instituição eu acho que ela está... Eu não sei se ela mudou seu perfil, mas a Fiocruz ela se ampliou muito.

JC: Muito.

LM: Muito. Tem agora Fiocruz em vários lugares no país, tem até na África, enfim, países da língua portuguesa e tudo. Então como é... Eu trabalho lá do outro lado no prédio da Expansão, então assim, não é sempre que eu estou aqui no campus, eu venho de vez enquanto e tal.

JC: Aquilo lá também era abandonado. (risos)

LM: Era abandonado. Não, quando eu fui trabalhar lá em 94 o prédio era um horror assim, sabe? Agora até que está bem... Deu uma melhorada bastante boa. Mas assim, o que eu quero dizer... Sempre que a gente vem para cá a gente tem a sensação de que tem uma obra nova do campus, uma obra nova no campus. É a impressão que a gente tem. Então tem aquele prédio grande, o CDTS, não é? Que você inclusive é fiscal do...

1 h 30 min 13 seg

JC: Fui.

LM: Ah, você foi, não é mais.

JC: Não, eu não tenho mais nada a ver com a Dirac...

LM: Ah tá!

JC: Nem com obras.

LM: E nem com obras.

JC: Eu fiz parte do projeto.

RG: Em 94.

JC: E depois do projeto inicial, e da montagem da licitação do desenvolvimento do projeto.

LM: Ah tá!

JC: A concepção do projeto depois. Um trabalho assim extenso de levantamento de dados, era uma coisa que a gente tinha que ter algumas referências, as referências por CDC de Atlanta, foi o Pasteur em Paris...

LM: Nossa, foram as melhores referências!

JC: Foi. A gente procurou juntar o que tinha de melhor dentro da técnica de laboratório de segurança.

LM: Bacana. Puxa!

RG: Você foi lá na década de 90, não foi?

LM: Puxa!

RG: Cheguei a fazer uma perspectiva para você. Você lembra disso?

JC: É? (rindo) É lembro.

RG: Na Europa.

JC: Foi mesmo?

RG: É. Você pediu para fazer uma perspectiva lá.

JC: Foi esse projeto mesmo?

RG: Não. Foi aqui o primeirão.

JC: Ah, o primeirão!

RG: O primeirão. Foi o primeirão.

JC: O primeirão era outra coisa.

RG: Era outra coisa.

JC: O primeirão era produção inteiramente interna, depois teve uma revisão das metas aqui. Foi uma revisão bastante radical porque o primeirão na verdade era uma expansão do Instituto Oswaldo Cruz, de alguns departamentos do Instituto Oswaldo Cruz.

RG: Que dizer no mesmo terreno onde estava, sempre foi naquele mesmo terreno ali.

JC: O outro tomou um caráter...

LM: Mais universal.

JC: Mais universal, mais de desenvolvimento, mas de laboratório de desenvolvimento de tecnologia, mais descolado do IOC.

LM: Do IOC. Certo.

JC: Trabalhando para a Fundação como um todo...

LM: Não porque eu queria chegar um pouco nessa coisa do patrimônio arquitetônico, assim da arquitetura saúde, não é? Porque eu estava vendo também nas disciplinas que você ministrou e que ministra na universidade tem um elo, não é? Com a questão da arquitetura para a saúde.

JC: Sim.

LM: Você tem um interesse e tudo, mais, não é?

JC: É.

LM: Como é que você nesses últimos 25 anos, por exemplo, esse desenvolvimento arquitetônico dentro da Fiocruz, sabendo que nós somos uma instituição de saúde, que trabalha com questões ligadas ao SUS, com a saúde como um todo, não é? Você acha que esses prédios todos novos que se formaram nesses últimos tempos, eles têm um diálogo assim com a saúde, com o outro... O outro que estou dizendo é assim, com saúde de modo geral, a saúde do SUS, do Ministério, ou é uma coisa muito da Fiocruz, característica da Fiocruz? Porque eu acho assim, às vezes me dá a impressão, isso eu estou falando talvez fazendo, não sei uma *mea culpa* da gente às vezes lá no departamento que eu trabalho, na Casa, a gente fica muito pouco ligado a essa questão mais macro do Ministério da Saúde. Um dia desses a gente teve até uma reunião lá, que eu falei para uma pessoa, eu falei assim: a gente é uma instituição de saúde, a gente está no Ministério da Saúde, a gente tem que saber isso assim, assim e tal. Tipo assim: “Vocês não têm a menor importância”. Sabe? Assim, como que você vê isso: “Você acha que existe esse diálogo, que não existe... Eu acho que ele existe tênue.

JC: Não. Ele é muito tênue com isso.

LM: É eu acho que ele não...

JC: Até porque no princípio...

LM: Poderia ser mais forte, eu não sei.

JC: Até porque o que existe mais codificado nessa área de saúde da parte do ministério é área de edificação de assistência em saúde. As edificações laboratoriais elas não são tão, vamos dizer assim, codificadas no ministério. Até porque são números muito menor.

LM: Entendi.

JC: Envolve uma tecnologia mais pesada e mais específica para determinadas finalidades.

LM: Que difere muito da assistência...

JC: Que diferem muito da assistência onde você tem soluções que podem ser repetidas ou adequadas a determinadas situações locais, mas tem algumas semelhanças, semelhanças mais fortes entre sim.

LM: Certo.

JC: Então é uma coisa que a gente... Uma das coisas que nesse tempo a gente fez foi organizar na Dirac uma especialização, um curso de especialização em gestão de infraestrutura e saúde. Aí nesse curso...

LM: Que teve esses profissionais do SUS também?

JC: É. Esse curso...

JC: Isso é bem interessante.

JC: Esse curso mostrou para gente o quanto a gente não...

LM: Não dialoga.

JC: Sistematizava esse conhecimento que a gente tem a nossa prática para passar para outras pessoas, para outros profissionais. E como é que essa área é uma área pouco reconhecida, gerir uma infraestrutura em saúde, o que isso significa, o que isso tem de específico e qual é o diálogo que para você tem que ter com áreas, com as áreas médicas...

LM: Laboratório...

JC: Laboratórios, pesquisadores dessa e daquela especialidade, vamos dizer assim, não se encontra essa situação com muita facilidade por aí. Só em instituições grandes como a Fiocruz, as universidades. Mas mesmo os nossos colegas com quem a gente trabalhava aqui, nós não tínhamos conhecimento do que era o SUS, porque nós não trabalhávamos no SUS, nós trabalhávamos que na Fiocruz, então foi uma oportunidade da gente trazer gente de fora, da área assistencial para falar sobre essa questão dos ambientes, dos espaços do dia a dia, do cotidiano do SUS. Complementar isso com esse outro lado de ciência... De suporte para ciência e tecnologia que a gente tinha. Mas isso não se repetiu. Se repetiu uma ou duas vezes e depois a instituição não quis. Aí é uma questão também de...

LM: De gerência.

JC: De gerência. A gente precisava mesmo voltar a repetir esse curso, porque eu acho que é um curso que deveria ser feito para muita gente Brasil a fora. Dá para fazer, juntar. E a gente tem os profissionais de um lado e de outro, da área...

LM: Falta interesse, não é?

RG: O curso foi dado aqui na ENSP?

JC: Foi dado na ENSP.

RG: Mas foi um curso de quem?

JC: Foi um curso organizado...

LM: Pela Dirac.

LM: Ah, no tempo que eles eram...

JC: Mais um reconhecimento e participação...

RG: O senhor teve uma turma disso?

LM: Duas turmas, três turmas.

JC: E participação dos profissionais da ENSP, os professores, foi uma pena não ir adiante. Mas essa coisa traduz bem a sua pergunta porque as pessoas não tinham conhecimento...

LM: E hoje...

JC: E que trabalhava, apesar de trabalhar dentro da Fiocruz, trabalhavam dentro desse horizonte do Ministério da Saúde e Ministério da Ciência e Tecnologia... E desconheciam certas coisas como, por exemplo, sistema de refenciamento de pacientes, pacientes

referenciados no SUS, sistema de Classificação de usuários, o que caracterizava um hospital, como é que ele funcionava. As pessoas aqui internamente desconheciam isso completamente. Porque fora daqui você tem ainda algumas pessoas que trabalham na área hospitalar, propriamente hospitalar, o que também gera uma distorção, porque é aquela história você parte... A gente... Nas nossas discussões a gente viu isso, não é? Que saúde não é hospital... Ao contrário. (risos)

LM: Não é doença... (risos)

RG: É verdade.

JC: Pelo contrário, não é? Muito pelo contrário.

RG: Quem vai ao hospital é porque está sem saúde.

JC: É. Você tem que cuidar da arquitetura de saúde antes.

1 h 40 min 11 seg

LM: Da doença se manifestar.

JC: Não para pensar em saúde pensando no número de leitos que você vai construir, isso aí é aquela coisa de Rede Dor. (risos)

LM: É verdade.

JC: E isso a gente está vendo isso numa escala maior, mas saudável, não é? Um conceito de cidade saudável, que é outro passo que a gente está tentando consolidar ainda, porque tantos aspectos... A instituição apesar de ter interesse... É uma coisa interessante, nunca comentei isso com você... (risos) Estou falando aqui para você e para o público da Globo. (risos)

LM: Mas eu tinha guardado para fazer uma pergunta para você desse projeto Cidades saudáveis, para você falar...

JC: ...Não gostaria de ver esse projeto andar para trás, não é? Quer dizer, desfalecer, não é? Desfalecer, pelo menos aqui internamente na ENSP nós estamos com problema de dia sério.

RG: Não, todo mundo.

(falam juntos)

LM: O quê que é projeto Cidades saudáveis?

JC: Há Projeto lá da (nome) que agora...

LM: O que é esse projeto Cidades saudáveis. Explica para mim.

JC: Ah, cidade Saudável é um conceito da cidade trabalhando preditivamente a saúde.

RG: Ah!

LM: Antes que todo mundo comece a apresentar defeito... (rindo)

JC: Isso nasceu lá, é retomado, configurado, melhor dizendo no Canadá na década de 80, 90, não é?

RG: 90.

JC: 90, não é? Algumas pessoas... E vai... É consagrado pelo OMS e viu vai tendo algumas experiências aqui e ali até chegar as nossas praias.

RG: E aqui na Fiocruz.

JC: E aqui na Fiocruz montou-se um edital há dois anos atrás. Desse edital participaram vários grupos.

RG: Desde 2007.

JC: Isso, foi para um lado, foi pro outro, várias pessoas. E esses projetos ainda estão subsistindo, dizendo, mas, digamos que podiam ter sido mais incentivados, incentivados...

LM: Sim, financeiramente.

JC: Isso, podia ter tido mais uma continuidade... Continuidade melhor, mais cobrada, mais valorizada também...

RG: Tivesse acompanhado. Eu sinto que não houve muito acompanhamento da parte da presidência em relação a isso.

JC: É.

RG: A presidência deixou...

JC: Solto.

RG: Solto na mão dos coordenadores que estavam chegando a esse tema... Eu, pelo menos, foi a primeira vez que eu cheguei nesse tempo, não sei do Jorge...

JC: Nós dois.

RG: Estava chegando, naquele momento não houve uma estruturação assim para a gente poder fazer um negócio consolidado um pouco. E essa falta de acompanhamento deixou as coisas muito no ar, dependendo muito da nossa atuação.

LM: Entendi.

RG: E aí ficou... Mas assim, a presidência está apostando. Pela última conversa que eu conversei lá como o José Paulo e a Fabiana eles estão apostando na sobrevivência desse tema e junto com o Fórum Nacional do Cidade Saudável... a Fiocruz quer investir, ainda quer continuar investindo nesse tema, por isso a importância do seminário, do livro, eles estão querendo continuar investindo.

Mas é bom, não é? Apesar que estive também.

JC: Espero que dê tudo certo. Teve uma época que a gente não sabia a quem se dirigir, não é?

RG: É. Não é? Período de mudança de presidência ficou meio.

JC: De presidência.

RG: É muito interessante.

1 h 44 min 27 seg

LM: Em relação às outras duas experiências na docência você também dá aula na UFRJ, não é? Professor visitante no curso de extensão universitária também.

JC: É.

LM: Você mesmo fez vários cursos, não é Jorge, que eu estava vendo que está lá no currículo como uma formação complementar. Aí está extensão universitária, gerenciamento estratégico; avaliação de desempenho, certificação hospitalar, curso Avança Brasil Telemap. Extensão universitária em preparação para a certificação, curso de metodologia de ensino para professor. Quer dizer, você é bem atuante mesmo nessa área do magistério, eu achei muito interessante. (rindo)

JC: É, eu acho que... Quer dizer...

LM: Você gosta da coisa de educar, de dar aula.

JC: Eu gosto que é a maneira que você tem de estar com as pessoas, com os colegas de um lado, com os profissionais que estão chegando, que estão se formando de outro lado, não é?

LM: Isso.

JC: De você vivenciar a experiência no ambiente universitário também. Embora eu tenha sempre muitas críticas a... Como se diz, a organização acadêmica. A gente... Eu inevitavelmente como sou professor 24 horas, inevitavelmente faço uma comparação entre as possibilidades que eu tenho de trabalho aqui e na universidade.

LM: E na universidade. É diferente.

JC: E aqui, por incrível que pareça sempre são mais...

LM: Muito melhores.

JC: Presentes do que na universidade.

LM: Pelo que o pessoal fala é.

JC: O que é um absurdo. A gente fica pensando... E eu acho que por outro lado tem um que entendimento... Também nessa relação eu tenho uma colega, a Ana Carmem...

LM: Sim.

JC: Você conhece a Ana Carmem.

LM: Também conheço.

JC: Mas ela também é uma profissional do BIFAN, é uma profissional e é 20 horas na UFF, e eu sinto assim, que a gente tenha um determinado, digamos assim, nos enxergam de uma determinada maneira. Quer dizer, nós não somos...

LM: Professores.

JC: É.

LM: Que coisa! Ainda tem que aguentar isso lá, não é? Porque vocês são 20 horas e são de outro lugar. Não são DE 40 horas.

JC: É. Exatamente.

LM: Que louco, não é?

JC: É uma doideira só.

RG: Mas isso envolve uma produção...

RG: Vocês trabalham por produção é carga horária, por exemplo, é mais ou menos praticamente a mesma, o que não se cobra da gente é que a pesquisa, não é?

LM: Hum, hum.

RG: Direto, não é? É feito através de pesquisa e extensão, agora isso é uma coisa que você sabe que é muito relativo, não é?

LM: É. Com certeza.

JC: A gente acaba fazendo, entrando nessa área de pesquisa até por convivência. Aliás hoje é o dia do pesquisador, sabem disso?

LM: É?

JC: Dia Nacional do Pesquisador.

LM: 9 de julho?

RG: 9?

LM: Hoje é dia 9, não é?

RG: Hoje é 9?

LM: 9 de julho. É hoje mesmo?

RG: É.

JC: Hoje eu fui lá... Eu estou falando isso, eu recebi um convite fui lá no Vital Brasil, que teve uma palestra comemorativa que eu, a forma como eles colocaram... Eu tinha que ir lá mesmo pegar esse trabalho, aí eu disse: “Vou ouvir essa palestra”. É de um pesquisador, se não me engano da universidade de Goiás, mas que tinha trabalhado no instituto (nome) muito tempo, e ele ia falar, o que me deixou muito curioso, sobre uma ilha no litoral de São Paulo, no Litoral de Santos, onde existe uma única ilha, uma única espécie de cobra no mundo todo.

LM: Nossa!

RG: Litoral de Santos?

JC: É uma cobra jararaca.

LM: Não existe em nenhum outro lugar?

JC: Da família das Jararacas. É uma variação da jararaca que só existe ali. E aí eu fui lá, peguei o trabalho, fui lá e eu tive essa coisa assim gostosa de você ficar ouvindo. Ele tinha muita facilidade de falar, como tinha um material remontável e explicou porque, quer dizer, as hipóteses de porque ter uma espécie isolada naquela Ilha. Isso em função do avanço do mar depois da última era do gelo, não é? Quer dizer, quando há glaciação, o mar recua e algumas ilhas, algumas montanhas próximas à costa, essa fica a 32 quilômetros da costa, e é um rochedo, como se fosse um pau de açúcar. Um rochedo enorme, de granito. E ela fica, vamos dizer assim, durante um determinado período incorporada ao continente e aí ela, vamos dizer assim, tomada pelo conjunto de espécies que tem por ali. Depois disso com o degelo uma redoma e aquilo se torna uma ilha e algumas espécies continuam isoladas naquele campo lá. É

o que acontece é que essas espécies elas vão se adequando para a sua sobrevivência, adequando, uma coisa muito interessante que eles chamam de erro genético. Quer dizer, quando há um erro favorável a sobrevivência esse erro tende a se multiplicar.

LM: AH!

JC: A cor, por exemplo, da cobra vai mudando.

LM: Em função da sua sobrevivência?

JC: Em função da sobrevivência e foi um papo, uma conversa nesse sentido, não é? Ele mostrou também como é que eles trabalhavam, quer dizer, com ele biólogo trabalhava, já tinha ido lá algumas vezes, como é que eles faziam, recolhiam e essas espécies elas são seguidas. Quando são retiradas de lá, elas são seguidas assim mundo afora, sabe-se aonde vai... Ele sabia que tinha uma espécie dessa cobra (rindo) na Suécia. Que alguém lá. (risos)

LM: Caramba!

1 h 51 min 45 seg

JC: Mas isso eu estou falando porque o Instituto Vital Brasil ele apesar de ser muito menor que a gente, Fiocruz, ele dá essa possibilidade de você, como na Fiocruz tem, de você conviver com profissionais de outras áreas, que vão, que têm uma forma de ver os problemas, as questões, muito distintas da lógica... Muito distinta da lógica que você usa no seu cotidiano profissional. Isso te dá oportunidade de pensar duas, três vezes essa exposição. Inclusive nessas questões de saúde, não é?

LM: É.

JC: Quer dizer, da assistência, da prevenção, da promoção da saúde, e você acaba envolvido com isso. E para sobreviver na escola você tem...

LM: Assim com as cobras você se adapta. (risos) Aonde ele quis chegar, ele deu essa volta toda para chegar aí, ao espetáculo. (risos de todos)

JC: É que você fica isolado dentro da instituição...

LM: É. (risos) Aí. Aí.

RG: Deixa só eu entender uma coisa que você falou essa cobra ela teve que aprender.

JC: Por quê? A ilha só tem (nome) praticamente, então ela teve que aprender a pular. (risos) A cobra, a jararaca, essa jararaca é a jararaca mais leve que existe, porque ela teve que... Porque os mais leves sobreviviam. Que é loucura dar o bote com muito mais agilidade do que...

LM: Do que as outras espécies.

JC: São coisinhas como essa que são raciocínio dedutivo, dedutivo, mas tem uma certa lógica.

LM: Tem sentido, tem. Tem.

JC: Ele usa até: “Isso é assim porque...” Enfim, nós também éramos assim... (risos de todos)

LM: Jorge, falando em UFF você lá é professor na graduação e na pós, não é?

JC: É mestrado também.

LM: Tem doutorado, não?

JC: Não, estão criando, ainda não.

LM: Ainda não, mas vão criar.

JC: Mas vão criar. E você prefere dar aula no mestrado, ou na graduação, ou tanto faz, ou o que você acha mais interessante?

JC: Tanto faz. Eu acho que eu gosto... O mestrado é a possibilidade até mais intensa de você pegar já profissionais como um histórico, com uma forma de pensar, então é conversar e trabalhar alguns temas mais atuais, não é? Ou desenvolver mais, e a graduação muitas vezes você pega pessoas muito imaturas.

LM: Muito, não é? Adolescência hoje em dia dura até os 25 anos. (risos)

JC: 25 anos ainda está longe, vai longe. Muito longe.

LM: Impressionante, não é? Não é mole

JC: Ainda tem alguns que são excepcionais, tem outros legais, mas também tem gente que eu vou te contar... É uma imaturidade que você fica pensando com você: “Devia estar no segundo grau se tanto” (risos) Mas fora isso eu acho que a experiência é uma só.

LM: É Então é isso.

RG: O que é o NIT?

JC: O NIT é o Núcleo de Inovação Tecnológica.

LM: Ah ta!

JC: O NIT é uma parte da estrutura da Gestec.

RG: Ah, da Gestec.

LM: E a idéia é ter NIT em todas as unidades...

JC: Em todas as unidades. Existem NIT em todas as unidades com algumas encarregadas ou a frente.

LM: A COC não tem não.

JC: A COC não tem.

LM: A COC Ainda não tem.

JC: Não tem não?

RG: Ainda está praticamente estruturando a direção.

LM: É, mas eu acho que ainda não tem não. Falou-se, muito. Teve uma discussão assim sobre isso, como se teve aquela discussão da criação de um comitê de ética na pesquisa na COC, mas até aonde eu sei, não avançou não.

RG: É. Não.

JC: Eu não sabia que não tinha. Pensei que já estava reformado o quadro.

LM: E o NIT ele é esse Núcleo que está ligado a Gestec, não é?

JC: Que por sua vez também é ligado à vice-direção de pesquisa.

LM: Daqui da ENSP.

JC: Daqui da ENSP.

LM: Certo.

JC: Hoje mesmo eu almocei com um colega meu que hoje foi do NIT e hoje está no planejamento e a gente estava conversando sobre o que a gente pode fazer, nessa área de inovação tecnológica dentro da Escola Nacional de Saúde Pública, porque a princípio é uma escola, tem uma parte de pesquisa, mas não é a pesquisa em tecnologia propriamente dita. Como o IOC teria, como, enfim, Farmanguinhos, não é?

RG: Endemias, não é?

JC: AS Endemias teriam. E a gente estava conversando sobre como é que as coisas estão caminhando assim nesse sentido, não é? Há uma preocupação a meu ver ainda muito centralizada nas questões de propriedade intelectual. E ela podia ser um pouco mais deslocada enfatizada para processo de inovação tecnológica em si, os projetos de inovação tecnológica. Mas isso mundo à fora esses projetos realmente eles nascem de demandas para solução de problemas de produção que são encaradas por uma instituição ou por uma empresa de... Ou em um setor... Então o exemplo mais bem sucedido disso é a Unicamp que tem uma enorme agencia de inovação que é ligado à incubadora de empresas que tenham formadas 173 empresas.

LM: Nossa!

JC: Quer dizer, empresas que já passaram por lá ou que estão passando por lá, mas tem relação com a sua vida, teve nascimento na incubadora da empresa. Ou foram pessoas que descobriram alguma coisa que acharam que podia ser comercializado, ou vendido, ou um processo a um produto, ou pessoas que pediram a universidade uma solução para um determinado aspecto, com outras... Essa semana mesmo saiu como o café que já vem descafeinado.

LM: É. Outro dia eu li. Eu li isso no jornal.

JC: Já nasce descafeinado. (rindo) Saiu de lá. Saiu de lá de Campinas. Alguém achou que isso era um produto interessante, viável.

LM: De investir nisso, não é?

JC: Viável. Quer dizer, alguém no mercado ia se interessar.

LM: Interessante. Quer dizer, então vocês estão... Mais uma incubadora de projetos...

JC: Não, aí que está. Na Fiocruz ainda não tem esse perfil de incubadora. Existem contratos, mas são contratos que são viabilizados via Fiotec de serviços, mas não são empresas, digamos assim.

RG: Entendi.

JC: Não é uma incubadora nesse molde que existe no Brasil todo, diga-se de passagem. Aqui mesmo na PUC existe, na COC existe também, enfim...

RG: Ainda estão se discutindo isso?

JC: Não, eu acho que isso ainda é uma discussão muito embrionária. É muito... Por enquanto, o que está sendo discutido, o que se propõe é uma maior divulgação do, vamos dizer assim, propriedade intelectual, dos problemas e das necessidades que você tem de a legislação da propriedade intelectual e fazer conhecer, fazer pessoas reconhecerem que o que elas produzem tem um valor comercial.

Então, você vê bem, o reconhecimento vem através da consciência do próprio pesquisador. Quando nesse modelo de incubadora o reconhecimento vem do fato de que algum, algum *software* externo, ou alguém interessado, um cliente potencial diz: “Eu quero, que você me arranje, ou que você encaixe esse seu trabalho numa solução, num processo que eu tenho... Quando eu preciso resolver isso... Quer dizer, de fora para dentro, de dentro para fora...

RG: É um processo interno.

JC: Ainda em um processo interno. E aí o NIT trata disso. O NIT no dia 28 de julho agora nós tivemos uma reunião da Gestec, um seminário interno. E essa Gestec, ao meu ver se reúne muito pouco, duas vezes por ano, que eu acho pouco para a dinâmica que isso exige, pede, não é?

RG: Mas a Gestec para outras unidades...

JC: É a Gestec e articulando nos NIT...

RG: É a exclusividade.

LM: (muito baixo) Não é? Eu acho, para poder trabalhar em conjunto.

JC: Eu sei que poderia, mas há de haver alguém criativo naquela gestão. (risos)

RG: Até demais, às vezes.

LM: (riso de todos) não precisaria tanto, não é Jorge?

JC: Um dia o Cristóvão Barcelos, a um tempo atrás me procurou porque ele queria que eu fosse lá conversar com as pessoas para explicar isso assim, que queria tirar um representante de lá. Eu sei que outro dia eu encontrei com ele, ele acabou importando (risos) um representante. Ele fez o contrário, ele pegou alguém que tinha experiência nessa área e botou dentro do Ifix.

RG: Ah, Incict.

JC: Não, Infix, é outra coisa. É o Incict.

LM: Ah, o Incict!

JC: Cristóvão (sobrenome) Ele e a direção. Eu não sei se ele ainda é diretor, se deixou a direção. Eu sei que ele falou: “Ah, já resolvi logo o problema”.

LM: (risos) Melhor, mais fácil.

JC: Foi mais fácil de trazer, o cara já com a cabeça pronta para fazer...

2 h 4 min 18 seg

LM: Jorge, você chegou a participar de congressos, de encontros, de eventos assim na área de arquitetura?

JC: Eu participei esse ano de um congresso internacional de requalificação, de manutenção e requalificação de edificações, que bate justamente nessa tecla desvalorizada de manter, requalificar, redimensionar. Foi feito lá no Clube de engenharia. A gente levou um trabalho sobre a casa de Rui Barbosa.

LM: Ta. Hum, hum.

RG: Bom, então você está aqui na ENSP desde 2006?

JC: 6.

RG: O senhor saiu da Dirac foi numa boa, foi opção sua?

JC: Não, foi opção minha, uma opção minha. Quando a Bia saiu eu sai. (rindo) Achei que era melhor. Até foi resultante desse curso...

RG: É isso que eu ia perguntar.

JC: A gente tinha feito o curso e aí conhecendo as pessoas aqui dentro e tal eu disse: “Bom, eu vou lá e acabo fazendo esse curso dentro da Escola, mas até hoje isso não aconteceu. Não aconteceu por quê? O curso era feito com base também, o escopo do curso com base na atividade de uma unidade. É como se eu fizesse um curso sobre assistência (nome) lá dentro da unidade. Então eu precisava da unidade para dar uma aula sobre isso, não é?

RG: Sei, sei.

JC: E acabou que a gente não conseguiu, não houve interesse da outra direção...

RG: Ah que pena!

JC: E até hoje não, não consegui... Eu acho a idéia boa, não tem... Não conheço paralelo, quer dizer, um curso que trabalhe essa questão do SUS, da área de saúde como você disse, e do específico de engenharia, do projeto, da manutenção, como é que essas coisas se inter cruzam.

LM: Se inter cruzam, não é?

JC: É. Se inter cruzam, se dialogam. Isso eu não conheço fora daqui.

RG: Eu também não. E o curso podia servir, podia servir para várias instituições.

JC: Podia servir para várias instituições.

RG: Um grande hospital, por exemplo, um grande laboratório. Depois você me chama para dar uma aula de noção da história da arquitetura.

LM: (risos)

JC: Está certo. Quem sabe, não é? Não consigo tocar. Que mais?

2 h 7 min 27 seg

RG: Eu acho que acabou. Não é?

LM: É.

JC: Vocês desculpem eu não ter me preparado melhor.

LM: Não, se você quiser a gente pode voltar depois...

JC: É. Se você achar que...

RG: (falam juntos e riem juntos)

LM: Eu queria te agradecer Jorge pelas horas aqui de conversa, por você ter aberto a sua agenda para receber a gente assim, desculpa o atropelo...

JC: Na verdade eu estou fechando.

(risos de todos)

LM: É, está fechando, você vai sair de férias, não é?

Então eu queria lhe agradecer pela entrevista, foi muito boa, muito interessante.

E eu não sei se eu cheguei a falar com você, mas essa entrevista ela vai fazer parte ela está sendo feita no âmbito daquele projeto que falamos, mas ela vai fazer parte do acervo sonoro que nós temos lá na casa de Oswaldo Cruz.

JC: É?

LM: (rindo) Está perpetuado pela história. (Risos) E é um acerto que assim aberto a usuários, não é?

JC: Para Deus e o mundo.

LM: Não, a não ser que você imponha algum tipo de restrição, mas eu acho que não é o caso, não é?

(risos de todos)

JC: É uma responsabilidade só.

LM: Deveria ter falado antes. (risos)

JC: Deveria ter me preparado. “Tudo por escrito”. (risos) Por escrito que aí eu estudo.

RG: Foi mais espontâneo.

LM: Foi mais espontâneo. Foi muito melhor. Então muito obrigada...

JC: Foi extremamente espontânea, uma coisa que saiu do...

LM: Foi bom participar.

RG: O que pode acontecer com o tempo é a gente precisar de você lá para poder desvendar alguns mistérios, ainda existem alguns mistérios lá dentro.

LM: Não... Até que não.

JC: Vocês conseguiram?

LM: A gente conseguiu identificar todas, está tudo alocado.

JC: Mas mesmo assim você olha essa terminologia que eu devo ter trocado algumas coisas, tenho que pensar um pouco melhor nisso e...

LM: Ta ok, está bom.